

PRÁTICAS DA  
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

N.º 11 - 2020



*Recensão a Dipesh Chakrabarty and  
the Global South: Subaltern Studies,  
Postcolonial Perspectives, and the  
Anthropocene,*  
de Saurabh Dube, Sanjay Seth  
e Ajay Skaria, eds.

---

António Carvalho

*Práticas da História*, n.º 11 (2020): 279-285

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

**Saurabh Dube, Sanjay Seth  
e Ajay Skaria, eds.**

***Dipesh Chakrabarty and the Global  
South: Subaltern Studies, Postcolonial  
Perspectives, and the Anthropocene***

**London: Routledge, 2019, 270 pp.**

António Carvalho\*

Esta obra coletiva reúne ensaios em honra do trabalho de Dipesh Chakrabarty, registando diversas contribuições de antigos alunos de doutoramento do departamento de História da Universidade de Chicago. Em regra geral, os textos oferecem um breve resumo de algumas das ideias mais relevantes de Chakrabarty e acerca de como estas influenciaram o trabalho levado a cabo pelos autores, marcando o seu percurso intelectual e académico. Trata-se, nesse sentido, de uma obra de homenagem que combina alguns textos de Chakrabarty com dados biográficos do autor, alguns episódios referentes ao contexto académico de Chicago e à história social, política e cultural da Índia.

Alguns dos contributos teóricos de Chakrabarty incluem, por exemplo, a distinção estabelecida entre História 1 – o “passado interno à estrutura de ser do capital”<sup>1</sup> – e História 2 “futuros que já estão pre-

\* António Carvalho (amcarvalho@ces.uc.pt). Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Praça Dom Dinis 77, 3000-104 Coimbra. Este trabalho é financiado pelo FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto TROPO, n.º 028362 (POCI-01-0145-FEDER-028362).

<sup>1</sup> Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000), 66.

sentes, o futuro cujo alinhamento os humanos não conseguem evitar”<sup>2</sup> – desenvolvida na obra *Provincializing Europe*. Chakrabarty também se tem destacado através das suas recentes incursões nos debates sobre o Antropoceno, nomeadamente acerca das dificuldades em articular o tempo histórico humano e as temporalidades à escala geológica<sup>3</sup>.

A obra está organizada em quatro partes. A primeira parte, “Affect and intellect”, aborda questões relacionadas com o processo de escrita de história e a história constitucional e laboral da Índia. Miranda Johnson, em “Between critique and creativity: Some other politics of writing history in Aotearoa New Zealand”, mencionando a importância da crítica pós-colonial, alerta para que as metodologias e epistemologias dos historiadores terem de reconhecer as vozes subalternas, ao invés de reproduzirem os discursos hegemónicos das elites. Arvind Elangovan, no capítulo “Rethinking Indian constitutional history”, recorda a sua experiência como estudante de doutoramento na Universidade de Chicago, com Chakrabarty como supervisor, nomeadamente o impacto que este teve na forma como Elangovan refletiu acerca da história constitucional indiana, incluindo a desconstrução de alguns pressupostos associados à história colonial da Índia. Já no capítulo “The significance of Provincializing Europe: Memory, argument, and the life of the book”, Dwaipayan Sen reflete acerca do eurocentrismo crítico e do alcance interdisciplinar da obra de Chakrabarty. Arnab Dey, também um antigo estudante de Chakrabarty, contribuiu com o capítulo “Labour history and ‘Culture’ critique - Reflections on an idea”, em que reflete acerca da evolução da sua investigação sobre o trabalho nas plantações de chá de Assam, no nordeste da Índia, em contexto colonial.

A segunda parte do livro, denominada “Critical Conversations”, inclui reflexões teóricas acerca da obra de Chakrabarty, assim como conversas com o autor. Em “Histories, Dwelling, Habitations: A Cyber-Conversation with Dipesh Chakrabarty”, Saurabh Dube aborda os te-

2 Chakrabarty, *Provincializing Europe*, 251.

3 Dipesh Chakrabarty, “The climate of history: Four theses,” *Critical Inquiry* 35, no. 2 (2009): 197-222.

mas da história e modernidade assim como as implicações interdisciplinares do Antropoceno. Já Homi Bhabha, uma figura incontornável nos estudos pós-coloniais, em “Writing the void”, reflete acerca da relevância do corpo, da subjetividade, do mal e do vazio (entendido enquanto posicionamento epistemológico) para a linguagem das humanidades e do humanismo. O capítulo “A correspondence on Provincializing Europe” apresenta uma discussão entre Amitav Ghosh e Dipesh Chakrabarty em que foram abordados temas como o Iluminismo, o pós-colonialismo e a história a partir das margens.

A terceira parte do livro é intitulada “Global pasts and postcolonial differences” e aborda a relação entre direitos laborais, castas, política e guerra fria na Índia, assim como o papel das vozes subalternas para a construção da história. Devleena Ghosh, no capítulo “Rights and Coercion: Adivasi Rights and Coal Mining in Central India”, analisa as lutas laborais dos Adivasi, explorando a estreita interligação entre progresso e combustíveis fósseis, e demonstrando como o ecossistema sagrado da floresta Adivasi foi progressivamente destruído pela marcha extrativista da modernidade, colocando em causa a sobrevivência de cosmopolíticas indígenas. Partha Chatterjee, em “When victims become rulers. Partition, caste, and politics in West Bengal”, recorre à noção de hegemonia de Antonio Gramsci para analisar a criação da classe média em Bengala Ocidental, estabelecendo comparações pertinentes entre a colonização britânica no século XVII e a criação de classes sociais no século XX. Já Arving Rajagopal analisou o impacto da guerra fria na Índia, no capítulo “The Cold War era as a rule of experts: a view from India”. Rajagopal argumenta que os Estados Unidos da América e a União Soviética encaravam a Índia como um campo de batalha ideológico entre o capitalismo e o socialismo, analisando o papel das elites intelectuais indianas na gestão do conflito entre as grandes potências e o Sul Global. Bain Attwood, em “Historical wounds and the public life of history: the stolen generations narrative”, explora uma importante questão lançada por Chakrabarty em *Provincializing Europe*, nomeadamente o tema dos *minority pasts*, isto é, o facto de existirem populações consideradas como *historypoor*, com um papel marginal e subalterno

na produção dos documentos considerados válidos pela disciplina da História, exigindo dispositivos não-hegemónicos – e colaborativos – de representação do passado. Esta questão é explorada através do estudo de caso das comunidades aborígenes em Nova Gales do Sul, Austrália, reforçando-se o papel de metodologias como a história oral – para além da pesquisa arquivística – para compreender o fenómeno das gerações roubadas, em que as crianças aborígenes eram retiradas das suas famílias devido a políticas governamentais australianas<sup>4</sup>.

A parte quatro do livro, “Historical disciplines and modern universals”, aborda temas como epistemologias eurocêntricas, questões associadas aos limites da representação, alteridade e histórias pós-coloniais. Em “Memory, historiography, and trauma: the limits of representation”, Sanjay Seth argumenta que a memória, assim como os mitos, são formas válidas de representar o passado de grupos particulares, nomeadamente de comunidades indígenas, questionando a hegemonia da historiografia – e das metodologias convencionais – na representação e criação de um passado coletivo e homogéneo. Já Ajay Skaria, em “Thinking Freedom with Gandhi”, reflete acerca do papel do humano na mensagem – e ativismo – de Gandhi, recorrendo à distinção de Chakrabarty entre História 1 e História 2 para analisar o papel de princípios como não-violência (ahimsa), resistência não violenta (satyagraha) e satya (verdade) no movimento de independência da Índia. Alf Lüdtke, em “Western thought as ‘Indispensable and Inadequate’. Dipesh Chakrabarty and the paradox of postcolonial historiography”, concentra-se em aspetos teóricos da obra de Chakrabarty, nomeadamente a influência de autores como Karl Marx e Martin Heidegger, assim como a sua formação em Física. Rajyashree Pandey, em “Translating the other: lessons from the world of medieval Japan”, parte das propostas teóricas de Chakrabarty para abordar a problemática da alteridade e tradução, questionando as limitações impostas pelos dualismos modernos (corpo/mente; humano/não-humano; sociedade/cultura) na tradução de textos – e ontologias – do Japão medieval.

4 Bain Attwood, “The Stolen Generations and genocide: Robert Manne’s ‘In denial: The Stolen Generations and the Right’,” *Aboriginal History* 25 (2001): 163-172.

A parte IV da obra – “The Anthropocene and other affiliations” – centra-se no Antropoceno, uma época geológica proposta para ilustrar a indissociabilidade entre ações humanas e eventos à escala planetária – como as alterações climáticas – e que tem sido alvo de reflexão por parte de Chakrabarty. Os capítulos que a integram abordam tópicos como a relação entre humanos e não-humanos, o papel da arte no Antropoceno e o seu impacto no desenvolvimento de representações indígenas e cosmopolíticas não ocidentais. Ewa Domańska, em “History, anthropogenic soil, and unbecoming human”, dialoga com o trabalho de Chakrabarty sobre o Antropoceno. Este ensaio aborda algumas questões teóricas associadas à viragem ontológica e pós-humanista nas Humanidades e Ciências Sociais<sup>5</sup>, refletindo acerca do papel do húmus enquanto metáfora para as necrohumanidades e ontologias suscitadas pelo Antropoceno. Em “Art in the time of tricksters and monsters: reflections on the Anthropocene”, Bernd Scherer explora o papel da arte no Antropoceno, um tema que tem suscitado grande interesse académico<sup>6</sup>, centrando-se no trabalho de artistas como Armin Linke e Xavier Le Roy e analisando as associações entre modernidade, dualismo entre humanos e não-humanos, capitalismo digital e performance. O capítulo de Stephen Muecke, “Indigenous histories and indigenous futures”, recorre à metáfora do caleidoscópio para ilustrar o processo de representação e escrita da história, associado a modos de seleção e fragmentação que criam visibilidades e ausências. O livro termina com um texto de Saurabh Dube, “Figures of immanence”, em que o autor recorre ao percurso bibliográfico de Chakrabarty para refletir acerca da relação entre história, teoria e modernidade, incluindo as contribuições mais recentes sobre o Antropoceno que problematizam as fronteiras entre agência humana e planetária.

Esta obra coletiva, centrada em torno da figura de Chakrabarty, carece por vezes de um fio condutor sólido, e como aborda uma gran-

5 António Carvalho, “Ecologies of the self in practice—meditation, affect and ecosophy,” *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography* 99, no. 2 (2017): 207-222.

6 Veja-se, por exemplo, o trabalho de Heather Davis e Etienne Turpin, *Art in the Anthropocene: Encounters among aesthetics, politics, environments and epistemologies* (London: Open Humanities Press, 2015).

de diversidade de temas (refletindo também o percurso heterogéneo do autor) irá apelar principalmente a um público especializado e com interesse na obra deste historiador. Para além disso, e apesar do título incluir a expressão “Global South”, a esmagadora maioria dos estudos de caso apresentados centra-se na história da Índia, o que não faz jus à heterogeneidade cultural, epistemológica e cosmopolítica do Sul Global. O teor de alguns ensaios – frequentemente reverencial/apologético – é problemático no âmbito dos estudos subalternos e pós-coloniais, no sentido em que parece reproduzir a subalternidade epistemológica dos discentes em relação aos docentes, similar à educação bancária tão criticada por Paulo Freire<sup>7</sup>, suscitando também algumas questões em relação à produção de conhecimentos que se assumem como críticos.

Apesar das limitações acima mencionadas, esta obra é de potencial interesse para académicos/as na área das Humanidades e Ciências Sociais com particular interesse em teorias pós-coloniais, estudos subalternos, Antropoceno e metodologias de investigação qualitativa. O leque heterogéneo de contribuições ilumina diferentes aspetos da obra de Dipesh Chakrabarty, podendo constituir uma oportunidade para conhecer de uma forma mais aprofundada – e comentada/contextualizada – o trabalho deste relevante autor.

7 Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970).

**BIBLIOGRAFIA**

Attwood, Bain. "The Stolen Generations and genocide: Robert Manne's 'In denial: The Stolen Generations and the Right'." *Aboriginal History* 25 (2001): 163-172.

Carvalho, António. "Ecologies of the self in practice—meditation, affect and ecosophy" *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography* 99, no. 2 (2017): 207-222.

Chakrabarty, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

Chakrabarty, Dipesh. "The climate of history: Four theses." *Critical Inquiry* 35, no. 2 (2009): 197-222.

Davis, Heather e Turpin, Etienne. *Art in the Anthropocene: Encounters among aesthetics, politics, environments and epistemologies*. London: Open Humanities Press, 2015.

Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

**Referência para citação:**

Carvalho, António. "Recensão a *Dipesh Chakrabarty and the Global South: Subaltern Studies, Postcolonial Perspectives, and the Anthropocene* de Saurabh Dube, Sanjay Seth e Ajay Skaria, eds." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 11 (2020); 279-285.